Revista de @ntropologia da UFSCar
R@U, 10 (2), jul./dez. 2018: 196-212.

Marianas de Contente: Mulheres, Quilombo e Reconhecimento

Andressa Lídicy Morais-Lima
Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade de Brasília (PPGAS/UnB)[1]
andmoraislima@gmail.com

O presente texto apresenta um conjunto de imagens que deram origem ao Ensaio Fotoetnográfico "Marianas de Contente", fruto de pesquisa etnográfica realizada entre os anos de 2011 e 2013 para fins de elaboração do Relatório Antropológico (RA) de caracterização histórica, econômica, ambiental e sociocultural[2] da Comunidade Quilombola Contente[3], município de Paulistana localizado no Estado do Piauí, Brasil[4].

O presente Caderno de Imagens é composto por dezesseis imagens de minha própria autoria, realizadas entre maio e junho de 2013, com foco privilegiado nas mulheres da comunidade de Contente. Trata-se de um exercício de memória e aprendizado que me fez pensar na fotoetnografia como uma "narrativa imagética" sobre a informação cultural

1 Bolsista do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).

2 Peça Técnica destinada à fundamentação do Relatório Técnico de Identificação e Delimitação (RTID).

3 A Fundação Cultural Palmares expediu à comunidade remanescente de quilombo Contente em 20/09/2010 sua certidão - IBGE nº 2207801. A partir dessa certificação que deu-se início ao processo de RTID. Na época, Contente era composta por 49 casas e 51 famílias, por volta de 300 moradores.

4 O RA compôs o Pregão Eletrônico para Registro de Preço Nº 15/2011, por meio do Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária – INCRA. A Empresa Terra Consultoria em Engenharia e Meio Ambiental Ltda. foi a responsável pelo Lote 28-PI. Fazem parte deste Lote três comunidades: Contente (Paulistana/PI), Pitombeira e Sumidouro (Queimada Nova/PI). Conforme preconiza a Instrução Normativa Nº 57 de 20 de outubro de 2009 do INCRA recorreu-se a profissionais com formação em antropologia e experiência em etnografia. A produção desses três relatórios foi realizada por uma equipe técnica multidisciplinar composta por mim, Andressa L. Morais-Lima (antropóloga e coordenadora de equipe, autora do RA de Contente), Alire Cavalcante (antropóloga e autora do RA de Sumidouro), Natália de Campos (antropóloga e autora do RA de Pitombeira) e dois assistentes de pesquisa: Carlos Freitas (sociólogo) e Wesley Brito (geógrafo). Contei ainda com Fernando Joaquim Jr. (historiador) que participou na qualidade de meu assistente pessoal.

de um grupo social localizado, conforme preconiza Achutti (1997). Nesse sentido, tal modo de ler o mundo é uma possibilidade para fazer aparecer a vida social e os registros instantâneos de um grupo em uma nova perspectiva, temos assim uma narrativa autônoma em relação ao texto escrito cujo foco está nas Marianas de Contente[5]. Neste Caderno de Imagens a fotografia é mais um instrumento auxiliar utilizado na pesquisa etnográfica "um meio de expandir determinados aspectos tradicionais da etnografia, tais como a estrutura narrativa, a intersubjetividade, a plurivocalidade, as linearidades e a utilização pedagógica" (Ribeiro 2005).

As linhas da terra

A construção social de uma territorialidade específica envolve identificar a emergência de novas identidades coletivas, assim examiná-las, sobretudo as reivindicações que demandam políticas de reconhecimento e de identidade. Considerando os critérios de autodefinição que surgem com a pressão dos movimentos negros incorporados em nossos registros de Censo Demográfico a partir dos anos 2000. Reconhecimento não significa apenas uma identificação individual, mas um pertencimento coletivo que vai além do que preconiza os termos do Decreto n° 6.040/2007, concerne a identidade coletiva e as atribuições de um valor positivo de estima social. Esse reconhecimento cultural marca uma relação de reciprocidade política entre agentes do Estado, a sociedade e os grupos sociais que desejam ser reconhecidos e respeitados por eles. O reconhecimento de um território quilombola reflete a autoestima e autoconfiança do grupo que reivindica um projeto coletivo a respeito de si próprio, reforça as territorialidades e a autocompreensão sobre si. Assim, a luta por reconhecimento da Comunidade Quilombola Contente envolve a reivindicação de seus direitos territoriais, as práticas de delimitação de suas territorialidades específicas que são fundamentais para a reprodução da comunidade e consolida a existência política e coletiva de um território étnico.

A experiência de mobilização étnica da comunidade em tela é marcada substancialmente pelo protagonismo das mulheres da comunidade. Tal singularidade é um fator central para a luta por reconhecimento de Contente. Muitas estratégias estão em jogo, mas para esse texto convém destacar a dinâmica de afirmação étnica e de gênero que compõem a construção social da identidade coletiva e o território reivindicados. Os conflitos sociais que marcam a reivindicação pelo território foram agravados à medida que

5 Agradeço ao Editorial da Revista R@u pelo aceite deste trabalho, assim como às pareceristas, em especial, Sheiva Sorensen pelas sugestões contundentes de revisão e por concordar em divulgar seu nome.

parte importante do território, usado para pasto e curral, plantação de roça e caminhos de acesso ao poço de água que abastece a comunidade foram comprometidos e perdidos para a grande obra da ferrovia.

De modo a reconstruir a "morfologia social" de uma "comunidade étnica", geograficamente e culturalmente determinada, no caso, a comunidade Quilombola Contente (Weber 1999: 267-277; Mauss 2003: 435-506) conjuguei abordagens interdisciplinares antropológicas, sociológicas, históricas, geográficas e propus ainda uma análise com base na Teoria Crítica do Reconhecimento a partir de Axel Honneth e Charles Taylor, tendo assim a possibilidade de observar as relações e os conflitos naquele lugar em decorrência do fator disputa de terra com a obra da Ferrovia Transnordestina que trouxe grandes impactos sobre a comunidade.

Em relação ao trabalho etnográfico fiz uso da *observação participante* (Malinowski 1978) e da *descrição densa* (Geertz 2008). Com a observação participante, foi possível não somente acompanhar as práticas étnicas regulares das/os moradoras/es da comunidade Contente, mas também vivenciar, ainda que num curto período de tempo, a experiência da alteridade a partir da participação engajada nas atividades e interações intramundanas da comunidade (Peirano 1999).

A "descrição densa", por sua vez, possibilitou uma compreensão aprofundada dos significados compartilhados (valores, crenças e ideias) que formam os "mapas culturais" constitutivos da comunidade étnica, por isso não era suficiente para aquelas pessoas se dizerem "quilombolas", pois elas se sabiam sentir apenas como "ser contente". Com o tempo fui percebendo que "quilombola" estava associado a uma etiqueta negativa, pejorativa, que foi construída ao longo dos anos para depreciar as experiências práticas de resistência dos quilombos. Assim, muitas vezes me vi advertida por minhas interlocutoras que elas se viam como "ser de Contente", isto é, ser daquele lugar, ser parte daquela história, ser fruto daquelas relações sociais e ser partícipe daquela comunidade. Além disso, também permitiu o "estar à vontade" diante da câmera e os pedidos recorrentes de fotografias por parte de membras e membros da comunidade (*"Tia, tira uma foto minha!"*; "*Andressa, bata uma foto de mãinha!*"; "*Chegue aqui! Tire um retrato da Casa Grande!*").

Além do material que constitui o RA, também foi possível reunir um conjunto de imagens que deram como resultado um ensaio fotoetnográfico somente com as mulheres de Contente. Dado o contexto político e cultural no período de pesquisa etnográfica, saltou-se aos olhos o interesse em entender quais os lugares socialmente atribuídos às mulheres em Contente, bem como entender de que maneira estas contribuem para o processo de formação e resistência da comunidade quilombola. Com base nas experiências de vida

dessas mulheres fui percebendo que a comunidade reunia em todas as ocasiões de relatos as mulheres de diferentes gerações, cada uma delas se encorajava a empreender as conversas que dariam vida ao RA. Notei desde o início do trabalho que as protagonistas daquele lugar eram elas, mas o que eu não sabia de imediato era de que maneira elas estão se mantendo nesse lugar, mas foi possível saber através das entrevistas em profundidade com as mulheres, em sua maioria do tronco matrilinear que vigora na comunidade e do qual elas são raízes, isto é, filhas, netas, sobrinhas de Maria Ana e Mariano. A história narrada conta que Seu Mariano ficou conhecido ao longo da vida como "Mariano Muié", pelo fato de junto com Dona Maria Ana terem tido muitas filhas mulheres, algumas delas assumiram lugares socialmente que sempre foram pré-determinados para o masculino, como as atividades para fora do ambiente doméstico, por exemplo, puxar roça, colher algodão, pastorear animais.

O roçado, a agricultura, o cultivo de algodão, as práticas religiosas de matriz sincrética afro-católica, o tecer das esteiras para os cultos religiosos de festa da padroeira, as rezas, as bênçãos, a caça, são parte dos modos práticos que dão vida ao "ser contente" e, sendo assim, o *ethos* das mulheres da comunidade. Elas fazem todas essas atividades, embora reconheçam que havia uma tentativa de divisão do trabalho para homens e mulheres antigamente, isso acabou não se sustentando pelo fator da presença maciça de mulheres na comunidade e seus deslocamentos sociais autodeterminados, de maneira que a jornada de trabalho na roça ou o trato dos animais passou a fazer parte tanto da rotina de subsistência de Seu Mariano quanto de suas filhas mais velhas, pois seriam elas que dariam apoio na lida diária e assim produziram mudanças paradigmáticas na divisão social do trabalho.

O conjunto de fotografias que estão reunidas neste ensaio é uma tentativa de trazer um retrato das Mulheres de Contente, de fazer aparecer a experiência do "Ser" Quilombola do ponto de vista das mulheres da comunidade (Smith 2005). Todas as mulheres aqui se dispuseram a relatar suas experiências vividas, onde se pode notar a liderança de Juscélia Xavier, então presidenta da Associação Comunitária de Contente. Ela é quem esteve comigo a maior parte do tempo, reunindo a comunidade sob a sombra de um juazeiro que ficava em frente da casa velha, onde também habitava Seu Mariano e uma boa parte de suas filhas e netas que estão registradas nas fotografias.

Como assinalado anteriormente, percebi ao longo da etnografia que a participação política das mulheres, assim como seu protagonismo estavam associados não só ao nascimento em maior número de mulheres na comunidade ou a migração de homens para o Sudeste (principalmente para São Paulo) em busca de novas oportunidades e tentando

escapar da situação de escassez no período de seca e da falta de oportunidades de estudo e trabalho que a comunidade enfrenta, mas, sobretudo, pelo forte engajamento e os processos de negociação que envolvem rupturas com os lugares sociais pré-determinados para as mulheres, por exemplo, o destino da vida privada e a ausência da vida pública. Em que pese tais negociações, isso fez e faz com essas mulheres estejam lutando cotidianamente por reconhecimento como partícipes da vida pública local, numa disputa que se faz dentro da comunidade e fora dela. As mulheres ocupam espaços de decisão que outrora não foram pensados para elas, como é o caso de Juscélia Xavier como presidenta da associação da comunidade. De modo geral, encontrei em Contente "lutas simbólicas" por reconhecimento da identidade (Bourdieu 2007; Taylor 2000) protagonizadas por mulheres quilombolas, preocupadas em não deixar morrer a sua própria história, não deixar sumir seu direito ao território e não deixar escapar a importância para as novas gerações do que foi e do que é ser uma Quilombola de Contente. Como elas mesmas dizem "Ser Contente é ser resistente", uma vez que se resiste ao tempo, assim como aos desafios da segregação social e racial e ao rebaixamento moral de toda uma coletividade. Elas estão dispostas a mudar as posições de lugar e ocupar novos significados sobre liderança, protagonismo e engajamento.

Em suas narrativas, investiam sobre seus saberes tradicionais, insistiam com as novas gerações para que acessassem os valores, as práticas e os códigos de conduta da comunidade, por isso elas me conduziam nos caminhos vicinais e me abriam as portas das casas de suas parentes para que pudesse entrar, me faziam ouvir longamente histórias de sofrimento, de nascimento e de conflitos.

Entre os contextos práticos de transmissão de saberes destacam-se aqueles acionados em seu cotidiano familiar: o manejo de ervas, a costura da esteira, o trançar e pentear dos cabelos, isto é, modos de educação tradicional onde se pode aprender a "ser uma mulher de Contente". Por outro lado, a organização política, as reuniões na associação, a participação em atividades religiosas, na vida política e escolar vão modulando novos modos de "Ser Contente". Aquelas mulheres além de darem vida a uma identidade política quando acionada em relação ao seu território, também passam a modelar o "self" com novas experiências da vida fora da comunidade, como em situações de migração para trabalhar fora ou de participação em movimentos sociais.

Portanto, este ensaio é produto das circunstâncias daquele presente, considerando quais os fatos do passado foram acionados para dizer algo sobre o contexto situacional em que minhas interlocutoras estavam inseridas e a importância da afirmação de gênero para a vida associativa da comunidade. Não por acaso essas mulheres estão aqui retratadas e

reconhecidas em seus olhares, em seus corpos, em seus artesanatos e em suas memórias aqui registradas em forma de imagens.

O que faz titular um ensaio fotoetnográfico protagonizado por estas mulheres é a sensação que elas despertam sobre a noção de pertencimento. Para elas, narrar suas histórias significa saber que tais histórias não irão morrer, uma vez que agora estarão escritas, gravadas e publicadas. Assim, "o livro da vida" delas, como elas se referiam ao RA, já foi entregue e o conjunto de fotografias aqui reunidas também. Ainda que a ferrovia "corte" em retalhos sua comunidade física, a "comunidade imaginada" (Anderson 2008) tem seus muitos modos de se fazer eternizar e este ensaio fotoetnográfico é uma forma de reconhecer e visibilizar os olhares e a resistência das Mulheres de Contente, mesmo nesse contexto adverso, elas se mantêm re-existindo.

Referências

ACHUTTI, Luiz Eduardo Robinson. 1997. *Fotoetnografia: um estudo de Antropologia Visual sobre cotidiano, lixo e trabalho*. Porto Alegre: Tomo.

ANDERSON, Benedict R. 2008.*Comunidades imaginadas: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo*. São Paulo: Companhia das letras.

BOURDIEU, Pierre. 2007. *Poder Simbólico*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.

GEERTZ, Clifford. 2008. *A interpretação das Culturas*. Rio de Janeiro: LTC.

HONNETH, Axel. 2003. A gramática moral dos conflitos sociais. São Paulo: Ed. 34.

MALINOWSKI, Bronislaw. 1978. *Argonautas do Pacífico Ocidental (Coleção Os Pensadores)*. São Paulo: Abril Cultural.

MAUSS, Marcel. 2003. *Sociologia e Antropologia*. São Paulo: Cosac Naify.

PEIRANO, Mariza G. S. 1999. A Alteridade em Contexto: A Antropologia como Ciência Social no Brasil. *Série Antropologia 255*. Brasília: UnB.

RIBEIRO, José da Silva. 2005. Antropologia visual, práticas antigas e novas perspectivas de investigação. *Revista de Antropologia*, *48*(2), 613-648.

SMITH, Dorothy E. 2005. Women's Standpoint: Embodied Knowing vs the Ruling Relations in *Institutional Ethnography: A Sociology for People*. UK: Altamira Press.

TAYLOR, Charles. 2000. *Argumentos filosóficos*. São Paulo: Edições Loyola.

WEBER, Max. 1999. *Economia e Sociedade: fundamentos da sociologia compreensiva*. Brasília, DF: Editora Universidade de Brasília: São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo.

Recebido em 14 de junho de 2018.

Aceito em 09 de agosto de 2018.

"Na trilha das Marianas de Contente"

Entrada da Comunidade Quilombola de Contente-PI

"Ser Contente é não esmorecer"

"Nosso tempo era outro"

"A alegria da jovem mulher Mariana"

"A fé que não desatina"

"A parteira, a benzedeira, a primogênita"

"Um corpo que trabalha, um trabalho no corpo"

"Paciência cotidiana"

"Esperando minino"

"Juscélia na feira de Paulistana: o comércio local e a sociabilidade das trocas"

"Minha fia, bata um retrato da casa véia"

"A mulher Mariana"

"Fiz com as minhas mãos"

"Entre gerações"

"Re-existir como o tempo"